

Bart Simpson: o último dos rebeldes¹

Mauricio Barth²

Resumo

Ele cortou a cabeça da estátua de Jebediah Springfield, queimou a árvore de Natal da família, roubou um videogame de uma loja, colou em um teste de QI e acabou entrando numa escola para gênios. Este trabalho tem por finalidade apresentar e analisar o personagem Bart Simpson, uma dos protagonistas do seriado norte-americano Os Simpsons, levantando suas características comportamentais. Para a elaboração da presente pesquisa, a metodologia usada foi a pesquisa bibliográfica, a qual abrangeu a leitura, a análise e a interpretação de livros, periódicos e sites. Ao fim do estudo, constatou-se que o jovem Simpson rejeita, rebate e critica duramente, não para destruir ídolos velhos, infames, vazios, que negam a vida, mas por causa de sua falta de identidade sólida, da falta de um eu completo. Entretanto, Bart atinge um incrível brilhantismo. Costuma ser primoroso e, geralmente, alcança essa nobreza juntando os elementos díspares de sua caótica vida, dando forma, estilo e forjando em algo significativo e belo.

Palavras-chave: *Bart Simpson; Cultura Pop; Televisão; Comunicação.*

INTRODUÇÃO

Produzido dentro da lógica comercial da televisão e do merchandising editorial, a série Os Simpsons tornou-se um dos maiores sucessos artísticos e comerciais da TV dos últimos 20 anos. A riqueza “simpsoniana” é tão extensa que, caso decidíssemos catalogar os exemplos de seu impacto cultural, precisaríamos necessariamente de mais páginas do

¹ Artigo desenvolvido durante o Trabalho de Conclusão de Curso do autor.

² Pós-graduado em Gestão Estratégica de Marketing e bacharel em Comunicação Social - Habilitação em Publicidade e Propaganda, ambos pela Universidade Feevale; e-mail: mauricio@feevale.br.

que possui uma lista telefônica. A série vai além do convencional e cria um universo com regras particulares, baseado em um exagero do mundo real, mas criado com tal consistência e complexidade que influi decisivamente na realidade na qual se inspira, ou seja, a sociedade contemporânea.

Este trabalho tem por finalidade apresentar e analisar o personagem Bart Simpson, uma dos protagonistas do seriado norte-americano Os Simpsons, levantando suas características comportamentais.

Para a elaboração da presente trabalho, a metodologia usada foi a pesquisa bibliográfica, a qual abrangeu a leitura, a análise e a interpretação de livros, periódicos e sites. Todo material recolhido foi submetido a uma triagem, a partir da qual se estabeleceu um plano de leitura atento e sistemático, acompanhado de anotações e fichamentos que serviram à fundamentação teórica do estudo. A escolha deste método possibilitou conhecer as diferentes contribuições científicas disponíveis sobre o tema.

A seguir, apresenta-se a análise realizada.

0 Seriado

“Suas autoridades morais nem sempre têm em mente seus melhores interesses”.
Matt Groening

“Onde há poder, há resistência”.
Michel Foucault³

“O que eu não daria para poder conversar com Orfeu, Museu, Hesíodo e Homer(o)?”
Sócrates⁴

Os Simpsons é uma série de desenhos animados criados para a televisão onde se retrata a vivência diária de uma família estadunidense. A série foi idealizada por Matthew Abram Groening (ou simplesmente Matt Groening) no fim da década de 1980, quando ele produzia tiras em quadrinhos sob o título de Life in Hell, as quais eram publicadas em diversos jornais da América do Norte. James L. Brooks, fã das histórias, teve a ideia de levar o trabalho de Groening para o programa de TV The Tracey Ullman Show. Matt aceitou o convite, mas, enquanto esperava Brooks para uma reunião decisiva, desistiu de

³ Filósofo e professor da Cátedra de História dos Sistemas de Pensamento no Collège de France, entre 1970 e 1984.

⁴ Filósofo ateniense e um dos mais importantes ícones da tradição filosófica ocidental e um dos fundadores da atual Filosofia Ocidental.

apresentar a versão animada de *Life in Hell*. Groening queria vôos mais altos: em alguns minutos criou as personagens de *Os Simpsons* e, em 17 de dezembro de 1989, estreava na TV americana o mais novo representante da cultura pop.

O tempo passou e, com a renovação de uma nova temporada já anunciada, *Os Simpsons* ultrapassaram *Gunsmoke*⁵ como o seriado em exibição há mais tempo no horário nobre da televisão norte-americana. *Os Simpsons* já detém o título de animação há mais tempo no ar no horário nobre da televisão dos EUA e, também, é o programa com mais participações especiais da história segundo o *Guinness Book Of World Records*. Além disso, a “família amarela” conta com um filme em longa metragem criado especialmente para celebrar seus 20 anos e diversos outros produtos, entre eles jogos eletrônicos e livros.

Tendo a sátira como essência, o seriado critica a sociedade dos EUA como um todo. Tem como alvos principais a classe média e a mediocridade americana. Inclusive, o nome da cidade em que se passa o desenho – Springfield –, foi escolhido por ser um nome comum de cidades ianques. Como todo estado tem a sua, a crítica ao modo de vida americano torna-se ainda mais abrangente. Os elementos satíricos feitos pela série são tão fortes que nem mesmo o canal FOX, principal veiculador do programa, escapa das suas chacotas.

Os Simpsons é centrado na família suburbana Simpson, constituída pelo inspetor de segurança da Usina Nuclear Homer, a dona-de-casa estereotipada Marge e os filhos Bart, Lisa e Maggie. Para batizar esses personagens, Matt Groening usou os nomes de membros da sua família: Homer é o nome de seu pai e Marge tem o mesmo nome de sua mãe, suas irmãs chamam-se Lisa e Maggie, e Bart é um trocadilho de *brat*, que em inglês significa “pirralho, fedelho”. Em uma entrevista, Groening confessou que se inspirou em “Dennis, o Pimentinha”⁶ para criar Bart Simpson, pois, para o criador de *Os Simpsons*, Dennis impressiona por que, ao invés de ser uma “pimenta”, é um pouco “boboca”. Assim, pensando em não cometer o mesmo erro, ele criou Bart. Em princípio, a ideia era batizar o personagem com o nome de Matt, porém, isto seria muito óbvio e evidente, logo, a preferência foi por Bart Simpson. Ainda, na série, há um grande número de coadjuvantes, com personagens secundários, terciários e até quaternários, incluindo colegas de trabalho e escola, professores, policiais e barmans.

⁵ Seriado de faroeste, *Gunsmoke* teve 20 temporadas exibidas entre 1955 e 1975 pelo canal norte-americano CBS.

⁶ Desenho animado norte-americano produzido na década de 1980.

A produção de um episódio chega a contar com uma orquestra de 35 instrumentos e um compositor próprio. São dezesseis roteiristas, dois comediantes, alguns redatores de piadas, roteiristas de seriados, um redator publicitário e até um ex-bioquímico. Depois de prontos, os textos do episódio são avaliados pela equipe e, se tudo estiver correto, os dubladores entram em ação e começam a gravar as vozes dos personagens. Com o roteiro concluído e as vozes gravadas, um exército de animadores e criadores de storyboard⁷ começa a trabalhar.

O próximo passo é juntar todo o material que foi feito e enviar para a Coreia. Lá são feitas a animação final, a pintura e a câmera, porém, depois, todo o material retorna para os Estados Unidos. Esse processo leva de sete a oito semanas. O último estágio da produção é incluir os efeitos sonoros, músicas e vozes que já foram gravadas anteriormente. Todos os procedimentos, desde o início, com o roteiro até a finalização, demoram de cinco a sete meses.

Parte do trabalho é feito na Coreia, pois é mais barato utilizar artistas do sudeste asiático. No episódio “Comichão e Coçadinha, o filme”, da 4ª temporada, uma cena mostra vários desenhistas coreanos trabalhando sob a mira de rifles. Os artistas são forçados a trabalhar sob ameaça das armas para concluir o longa-metragem de Comichão e Coçadinha. Uma clara referência à produção de Os Simpsons e uma brincadeira com a exploração do trabalho dos artistas asiáticos.

Bart Simpson

*“Eu não fiz isso. Ninguém me viu fazer isso. Você não pode provar nada”.*⁸

*“Nem mesmo eu faria aquilo, e olha que sou o bad boy da América”.*⁹

*“Ah, por favor. Isso é apenas destruição irracional, sem nenhum dos meus habituais comentários sociais”.*¹⁰

Ele cortou a cabeça da estátua de Jebediah Springfield, queimou a árvore de Natal da família, roubou um videogame de uma loja, colocou num teste de QI e acabou entrando

⁷ Cenas e desenhos individuais, como uma grande história em quadrinhos. Cada desenho corresponde a uma parte do roteiro, diálogo ou ação. O storyboard informa as montagens, atuações e edições que deverão ser feitas.

⁸ Cf. episódio “Bart, o gênio” (1ª temporada).

⁹ Cf. episódio “O craque é Bart” (9ª temporada).

¹⁰ Cf. episódio “A Namoradinha de Bart” (6ª temporada).

em uma escola para gênios, enganou a cidade inteira fazendo todos pensarem que havia um garoto preso em um poço. Para Conard (2007), Bart Simpson não é o tipo de “pestinha” adorável que vive em meio às confusões, nem tão pouco um rebelde com um coração de ouro. É, isto sim, um bad boy em calças azuis.

David (2008) nos pronuncia que a tendência é que pensemos que Lisa, sua irmã, é mais admirável que Bart. Provavelmente, ela tem mais características para ser considerada a virtuosa da família, já que é brilhante, talentosa, lógica, racional e sensível. Além disso, tem princípios: combate a injustiça quando a vê, é vegetariana porque acredita nos direitos dos animais, enfrenta o ganancioso Sr. Burns, tem amor e compaixão por sua família e seus amigos e por todos os menos afortunados.

Contudo, Conard (2007) argumenta que as coisas nem sempre são aquilo que parecem. Para comprovar tal teoria, estabelece uma relação entre Bart e outro bad boy – um menino mau presente na Filosofia. Seu nome era Friedrich Nietzsche e, filosoficamente, era mau de verdade, pois desprezava a autoridade, sendo uma espécie de destruidor. Aparentemente, detestava todos os ideais que a maioria das pessoas ama e quer seguir. E, mais ainda, os derrubava por terra, mostrando astutamente como eles eram ligados a coisas que as mesmas pessoas odeiam. Entretanto, embora Nietzsche rejeitasse o ideal tradicional da pessoa solidária, religiosamente virtuosa, ele próprio tinha o seu ideal: o espírito livre; a pessoa que rejeita a moralidade tradicional, as virtudes tradicionais; a pessoa que abraça o caos do mundo e dá estilo ao caráter.



Figura 1 – A vingança de Bart
Fonte: Simpson Crazy (2010)

Afirma Conard (2007) que, tristemente, no fim das contas Bart talvez apenas seja parte da decadência e do niilismo que permeia nossa era. E, nesse sentido, podemos vê-lo como um tipo de exemplo precavido: era disso que Nietzsche tentava nos alertar. Para o autor, embora Bart não seja nosso herói “nietzschiano” e possa ser um exemplo de declínio niilista, Bart pode ser muito mais do que isso.

Segundo David (2008), Bart Simpson é o ícone rebelde que definiu uma geração obcecada em se comportar de modo detestável. Camisas ostentando seu rosto foram banidas de alguns colégios dos Estados Unidos no início da década de 1990. Slogans como “Incompetente com todo o orgulho”, “Eu sou Bart Simpson - Quem diabos é você?” e “Não esquenta, cara” em bonés e camisas foram vestidos com orgulho por fãs que procuravam criar uma imagem rebelde para si próprios.

O início dos anos 90, marcado pela Guerra do Golfo, pela presidência de George W. Bush, pelo fim da Guerra Fria, pela desintegração da União Soviética e pela unificação da Alemanha, entre outros acontecimentos mundiais, também foi marcado pelo movimento que Keslowitz (2007) chama de “Bartmania”.

[...] A Bartmania espalhou-se pelos Estados Unidos, e a atitude rebelde e a imagem de bad boy contagiaram a América. Nunca antes tivemos um ícone rebelde tão influente - na forma de desenho animado - que tenha despertado tanto ultraje. Mas a Bartmania certamente não desapareceu pela condenação pública da imagem de bad boy de Bart. Na verdade, o ultraje público ajudou a promover a Bartmania - e ajudou a posterior simpsonsmania a se tornar um fenômeno global (KESLOWITZ, 2007: 52).

Dessa forma, Keslowitz (2007) nos diz que, ao condenar Bart, os conservadores culturais e religiosos dispensaram atenção especial ao menino de cabelo arrepiado de Springfield e, em pouco tempo, a maior parte da América começou a reconhecer o humor nas traquinagens do garoto. Isto por que, embora ele fosse “mau”, havia certa doçura realista em Bart que fez com que os americanos o idolatrassem. Ao fazer algo errado (como roubar um cartucho de videogame da loja Try-N-Save), ele deixava claro que não queria ser visto como “ovelha negra”, pois tentava resgatar sua imagem fazendo algo bonito para sua mãe. Para o autor, os conservadores teriam sido espertos ao pedir desculpas a Bart, já que ele abriria caminho ao trazer Os Simpsons para o centro do universo.

A influência penetrante de Bart foi ainda mais perceptível quando, em 31 de dezembro de 1990, ele foi capa da revista Time, cujo título era “O Melhor de 1990”. Na capa, um Bart surpreso era retratado próximo à legenda “Sim, Bart, até você entrou na

lista”. Lent (2007) argumenta que Bart Simpson definiu a América e, de muitas maneiras, atua como símbolo de unificação cultural para diversos povos. Crianças judias, por exemplo, usavam solidéus de Bart Simpson. Bart Sanchez (uma versão urbana e latina de Bart) foi ilustrado em mercadorias piratas de Bart Simpson. Houve até um Bart negro representado em mercadorias, que denunciava o apartheid e, frequentemente, exibia uma atitude de gueto, proclamando: “Você não entenderia, é coisa de negro”. Bart foi aceito por pessoas de todas as formações culturais e representou a essência da teoria americana sobre as várias raças em miscigenação (OTT, 2003).



Figura 2 – Bart Simpson na lista dos “melhores” de 1990
Fonte: Time (2010)

Lacayo (1995) descreve que indivíduos com experiências de vida distintas podem discordar quanto à política, tradições e religião, mas praticamente todas as culturas tiveram sua quota de rebeldes. E Bart Simpson representa o bad boy que une integrantes de todas as culturas. Sua rebeldia contra a autoridade é uma característica universalmente exibida em certos momentos da história humana. Keslowitz (2007) nos questiona se Bart seria o Sócrates dos dias contemporâneos, interrogando a autoridade a partir de cada ângulo em busca de uma verdade universal. Porém, ele assume que, talvez, isso seja ir longe demais, pois Bart não procura exatamente a verdade. Suas ações, no entanto, inadvertidamente fornecem reflexões mordazes sobre a maneira como os espertos atuam na sociedade – e o valor inerente da existência deles em primeiro lugar.

No entanto, apesar de todas as travessuras e traquinagens, Bart não é mais o mesmo personagem que era no início da série.

[...] Nos episódios iniciais de Os Simpsons, os roteiristas da série apresentaram os trejeitos de bad boy de Bartholomew Simpson ao público americano. Eles perceberam que o mal era engraçado – por um tempo, pelo menos. No entanto, depois que várias temporadas se passaram, os roteiristas operaram uma mudança fundamental na direção da série: Homer tornou-se mais burro e, conseqüentemente, mais engraçado, enquanto o mau comportamento de Bart decresceu alguns tons. Homer acabou se tomando o astro da série. Os roteiristas chegaram à conclusão correta de que "burro" é consistentemente mais engraçado que "mau". Na verdade, se não houvessem feito essa significativa mudança de direção, a série provavelmente não teria desfrutado de uma existência tão longa e bem-sucedida. Bart poderia ter passado apenas uns tantos trotes até que o público se enchesse dele [...] (KESLOWITZ, 2007: 63).

Lent (2007) reforça que Bart, atualmente, está diferente do personagem que era no início do seriado: ele está mais afável e, no geral, mais quieto; também não é mais tão grosseiro. Inclusive, nas temporadas recentes, Bart tem se referido a Homer como “pai” com mais frequência. É como se a sociedade tivesse um impacto em Bart. Por exemplo, a condenação nacional aos ataques na Columbine High School sujou a reputação do “mau”. Davi (2008) comenta que Bart nunca executaria um ato tão perverso e, se questionado, provavelmente se daria conta de que suas estilingadas e o desrespeito a seus pais não são nada comparados às ações de outros adolescentes. Na verdade, as ações de Bart podem ser consideradas inofensivas quando confrontadas com tais atos de maldade.

Keslowitz (2007) lembra que, em contraste a outros episódios, Bart cometeu atos que iam de encontro aos desejos de Homer e teve de se defender eximindo-se da responsabilidade. Como observou Bart de forma memorável¹¹: “Eu não fiz isso. Ninguém me viu fazer. Ninguém pode provar nada”. No tricentésimo segundo episódio, entretanto, Homer estava na defensiva. Para o autor, era quase como se os papéis de Homer e Bart tivessem se invertido. Homer agiu de maneira infantil: de início tentou não demonstrar a Bart o quanto havia ficado chateado depois que o filho saiu de casa. Bart, por outro lado, agiu de maneira independente: mudou-se para seu próprio apartamento.

Com isso, para Ott (2003), os roteiristas de Os Simpsons demonstraram sua habilidade única de trocar os papéis de algumas das figuras centrais da série a fim de manter forte sua presença icônica. É importante levar o episódio em consideração porque é um dos poucos, das temporadas mais recentes, centrados em Bart. Ele parece mais maduro

¹¹ Cf. episódio “Lisa tristonha” (1ª temporada).

nesse episódio – até sentir medo de dormir sozinho em seu novo apartamento. Assim sendo, é com este fato que o autor nos diz que Bart não mudou muito: ainda é um garoto de dez anos, um irmão impicante e um filho incorrigível. No entanto, quando Bart desobedeceu a seus pais e não voltou para casa, algo interessante aconteceu: a família sentiu sua falta. Lisa se fixou no arranhão em forma de coração que Bart fez em seu braço, Homer debulhou-se em lágrimas (embora tenha inicialmente escondido isso de Bart) e Marge se abalou com a partida repentina do filho. Se pudesse falar, Maggie também teria chamado pelo irmão.

E, para Groening (2001), Bart deve manter sua imagem de “mau”, já que as pessoas esperam que ele se porte mal. Quando conhece Jéssica, filha do reverendo Lovejoy, no episódio “Namoradina de Bart”, ele sente de início a necessidade de mudar sua imagem para ser visto como “bom” e, assim, ganhar a aprovação da garota. Mas quando Jessica não aprecia o lado “bom” de Bart, ele sente a necessidade de manifestar abertamente sua maldade para impressioná-la:

- Jessica: Você é mau, Bart Simpson!
- Bart: Não sou, não.
- Jessica: Sim, você é. Você é MAU... E eu gosto!
- Bart: Sou mau pra chuchu, doçura.

Portanto, Bart gosta de ser visto como o bad boy da América quando isso lhe traz glória. Em outras ocasiões, no entanto, quer se encaixar e ser, desesperadamente, como seus colegas. Isso, entre outras coisas, fizeram de Bart Simpson um ícone inquieto da Cultura Pop.

Considerações Finais

O seriado Os Simpsons, um dos grandes exemplos da evolução da Cultura Pop, é aclamado como um ícone contemporâneo. É perceptível que o mundo venera o seriado e abraça o programa como um fenômeno cultural. Os produtores e roteiristas conseguiram criar centenas de episódios poderosos e perceptivos e a quantidade de energia e dedicação que entra na produção de cada episódio, combinada ao enorme talento do elenco, fez de Os Simpsons uma das maiores e mais queridas séries de televisão de todos os tempos.

Destaca-se dentre seus personagens o jovem Bart Simpson que, com uma vida caótica, tornou-se um alguém confuso, que precisa de forma. No decorrer da série, parecem haver demonstrações coerentes de estilo em seu caráter, mas a maneira como ele

se define é em grande parte reativa. Bart determina sua identidade, não como algum tipo de afirmação triunfante de seus talentos e habilidades, não como uma miscelânea de elementos díspares, mas, sim, como alguém em oposição à autoridade.

O jovem Simpson não tem virtudes (ou tem poucas), não tem espírito criativo, aceitou o caos da existência, mas de uma maneira que possa criar algo belo desse caos. Ele aceita e lida com isso com uma espécie de espírito resignado. Bart rejeita, rebate e critica duramente, não para destruir ídolos velhos, infames, vazios, que negam a vida, mas por causa de sua falta de identidade sólida, da falta de um eu completo. Entretanto, Bart atinge um incrível brilhantismo, costuma ser excelente, no melhor sentido grego da palavra. E, geralmente, alcança essa excelência juntando os elementos díspares de sua caótica vida, dando forma, estilo e forjando em algo significativo e, às vezes, até belo.

Referências Bibliográficas

CONARD, Mark T. Assim falava Bart: Nietzsche e as virtudes de ser mau. In: **Os Simpsons e a filosofia: o D'oh! de Homer**. São Paulo, SP: Madras, 2007. 288 p.

DAVID, Matthew. You Think Bart Simpson is Real. I Know He's Only an Actor! **Current Sociology**, London, Vol. 56, Num. 4, Jul 2008.

GROENING, Matt. Behind the scenes with... Bart Simpson. **Scholastic Scope**, New York, Vol. 49, Num. 15, Apr 9, 2001.

IRWIN, Willian; LOMBARDO, J. R. Os Simpsons e a alusão: o pior ensaio já escrito. In: **Os Simpsons e a filosofia: o D'oh! de Homer**. São Paulo, SP: Madras, 2007. 288 p.

KESLOWITZ, Steven. **A sabedoria dos Simpsons**. São Paulo, SP: Prestigio, 2007. 340 p.

LACAYO, Richard. Bart Simpson calling. **Time**, New York, Vol. 145, Num. 21, May 22, 1995.

LENT, J. A. Drawing the line: the untold story of the animation unions from Bosko to Bart Simpson. **Choice**. Middletown, Vol. 44, Num. 9, May 2007.

OTT, Brian L. I'm Bart Simpson, who the hell are you? A study in postmodern identity (re)construction. **Journal of Popular Culture**, Bowling Green, Vol. 37, Num. 1, Aug 2003.

SIMPSON CRAZY. **Wallpapers**. Disponível em:

<<http://www.simpsoncrazy.com/wallpapers4.php>>. Acesso em: 11 mar. 2010.

TIME. **Bart Simpson**. Disponível em:

<<http://www.time.com/time/covers/0,16641,1101901231,00.html>>. Acesso em: 14 mar. 2010.